

Identidade, educação e dinâmica social a metamorfose da comunidade piscatória da Nazaré

José Trindade

A modernização do país a partir da década de setenta, com a introdução da democracia, o desenvolvimento económico e o prolongamento da escolaridade para além do ensino primário e a entrada na Comunidade Económica Europeia, teve grande impacto na vida da comunidade piscatória da Nazaré. A Nazaré, que até aos anos setenta, assentava a sua economia na pesca e no turismo, assiste a partir desta altura ao declínio da actividade piscatória em favor das actividades ligadas à hotelaria, restauração e comércio, como suportes da indústria turística. Por outro lado, uma escolaridade mais prolongada, que permitiu a muitos filhos de homens do mar abandonar o modo de vida tradicional e ocupar os lugares proporcionados pelo turismo de massas, e pela modernização da sociedade nazarena, forneceu-lhes uma nova identidade. Entre uma identidade etnocultural apoiada na tradição e uma identidade construída por uma maior exposição à escolaridade e à modernidade, a estratégia identitária adoptada pelos nazarenos expostos a estes dois mundos caracteriza-se sobretudo pela adopção do bilinguismo cultural.

A geração de nazarenos que tem hoje entre vinte cinco e pouco mais de quarenta anos, que viveu uma infância no ambiente piscatório tradicional e que conheceu no seu percurso de vida o processo de modernização da Nazaré, é o grupo sobre o qual incide a análise aqui apresentada. Este grupo inclui pescadores, embarcadiços, pequenos empresários, professores, empregados de comércio e funcionários públicos.

Na Nazaré, a modernização, a democratização do país, o alargamento da escolaridade, e a perda progressiva do peso da pesca em favor do turismo, que implicou uma subida do nível de vida da maior parte das famílias, abalou a velha comunidade piscatória da Nazaré, diluindo as rígidas fronteiras de classe que marcavam a separação entre a gente do mar e a classe média local.

Concomitante com este processo, tem-se vindo a produzir um discurso identitário que, se pode ser interpretado como forma de resistência à homogeneização cultural do mundo associado com o processo de mundialização da cultura e a globalização, também se pode dizer que cria um espaço de convergência que se sobrepõe às diferenças de níveis de vida e de educação entre os membros do grupo: o juiz, o professor, o comerciante, o pescador e o marinheiro adoptam a *hexis*, a linguagem corporal mais expansiva dos pescadores, de gestos largos, a forma dialectal, enfatizando as características prosódicas do falejar local, e fazendo uso de uma variedade de expressões e tradições que remetem para a *vida do mar*. Esta identidade cultural hiperinvestida de que fala Devereux (1972: 162), capaz de camuflar outras pertenças e outras diferenças/desigualdades serve a esta nova classe média para se juntar à classe média tradicional. É neste sentido que se pode falar de uma identidade etnocultural.

Por seu lado, os filhos da pequena burguesia local de pequenos comerciantes e funcionários públicos reclamam para si uma herança piscatória.

Como *bricoleurs*, ao reivindicarem uma genealogia comum nos seus discursos identitários, ambos os grupos estão efectivamente a negociar e a construir uma identidade cultural sincrética ou mista, feita de elementos com diversa proveniência, mas entre os quais o passado do pescador e a imagem que o Estado e a intelectualidade nacional dele fabricaram se fundem numa identidade colectiva aceitável para todos:

A segunda hipótese que exploro neste trabalho sobre as estratégias identitárias e diferenças na adaptação à mudança reveladas pela actual geração de nazarenos, filhos dos homens do mar, remete para a relação entre cultura local e cultura dominante. Se é verdade que a escola, enquanto instrumento de construção da nação, se forjou contra os saberes locais, os nazarenos, mesmo os mais escolarizados, gostam de afirmar a sua identidade local nos contextos mais eruditos. Como o daquele filho de um pescador que me testemunhou, com

orgulho, que iria assistir ao concerto de música clássica no palácio de Queluz, mas que levaria a sua camisa à pescador; ou outro, pescador e estudante de arte e *design*, que faz da pesca modo de vida e tema de inspiração para os seus trabalhos académicos.

Alguns dos entrevistados defenderam mesmo que o modo de falar local deveria ser utilizado nas placas toponímicas, nos jornais e na rádio locais.

Este fenómeno de bilinguismo cultural, caracterizado pela alternância entre uma identidade cultural local e uma identidade de classe-média, pode assumir uma grande variedade de expressões conforme os contextos, os actores e as competências que estes revelam para gerir o código de conduta mais refinado de classe média.

Como a cultura local se construiu contra uma cultura dominante, a socialização secundária trazida pela escola é construída contra uma socialização primária fornecida pela cultura local. Aos filhos dos pescadores, a escolaridade fornece o acesso a uma cultura que não só é diferente como é a que permite pensar a sua por oposição.

A identidade local, assente na ideia do pescador heróico, herdeiro e representante do navegador de quinhentos, que com poucos meios e muita coragem desafiou o mar, permite aos nazarenos associar a história pátria e a tradição local numa síntese narrativa confortável a respeito de si próprios. A propaganda nacionalista do Estado Novo, do país de marinheiros, e a saga das descobertas fomentou uma auto-imagem positiva dos nazarenos. A esta visão gloriosa do pescador da Nazaré juntou-se a imagem romântica e exótica divulgada pela intelectualidade portuguesa, sobretudo a partir da instauração da República. Desde Almada Negreiros a Alves Redol, passando por Raul Brandão, Branquinho da Fonseca, Afonso Lopes Vieira, Leitão de Barros, todos celebraram nas suas obras o exotismo, o colorido e a coragem dos homens e mulheres da Nazaré.

Isto leva, por vezes, a algumas confissões angustiadas por parte de muitos jovens nazarenos, provocadas pelo desencontro entre a representação mitificada do pescador e a realidade que conhecem e choca com a sua sensibilidade e refinamento, resultantes de um processo de aburguesamento trazido pela modernização e por uma escolaridade mais prolongada.

Neste processo, os pescadores que ontem construíam a sua identidade numa lógica de oposição à pequena burguesia local, por um lado, e aos rurais, por outro, gerem hoje estrategicamente essa identidade, entretanto apropriada por todos os grupos para afirmar a sua diferença perante a *gente de fora*.

Mas eis que outra fronteira se começa a insinuar nos discursos dos que se reclamam os verdadeiros nazarenos: Os que vivem efectivamente da pesca, ou mantêm um *habitus* reconhecido pelos nazarenos como o “tradicional”, e os outros, que já não falam nem vivem como os pescadores. Para Barth o que cria a «fronteira» é a vontade de diferenciação. Para estes *verdadeiros* nazarenos, o orgulho na preservação de uma identidade cultural assente na tradição piscatória, bem como a ligação efectiva por laços familiares aos pescadores, são os critérios de definição de uma identidade etnocultural.

Na Nazaré cruzam-se na estrutura social duas clivagens fortes: uma que assenta na oposição entre mar e terra, sobre a qual os indivíduos constroem a sua identidade de grupo e uma mundivisão particular; e outra que assenta no estatuto económico das famílias, quer entre as famílias marítimas, quer dentro da vila considerada globalmente.

As estratégias sociais e as relações que os agentes privilegiam no seu quotidiano resultam do cruzamento destes dois planos, ora enfatizando o discurso etnocultural - a identidade comunitária -, ora o discurso de classe.

O declínio da pesca em favor do turismo implicou a substituição de uma classificação social dentro da comunidade piscatória assente na posse de bens como o barco ou no prestígio associado à função desempenhada na companhia como mestre, contramestre ou motorista, para passar a ser determinada pela posse de outro tipo de bens, como o tipo de habitação - a vivenda aburguesada - ou funções, que requerem algumas habilitações académicas, de nível médio ou superior. Neste «*contexto socioestrutural com uma mobilidade acentuada, com uma transformação da divisão do trabalho e da distribuição social dos saberes [...]*» (Berger e Lukman *cit. in* Dubar, 1994: 97-98), a escolaridade tornou-se um instrumento relevante para a

inserção no mercado de trabalho, sendo o *trabalho limpo* como professor, escriturário ou empregado bancário – dos filhos de mestres e embarcações - o equivalente em prestígio social ao do antigo motorista ou ao embarcado na marinha mercante.

A mobilidade social que caracteriza a sociedade nazarena actualmente, e que assenta nos «*novos saberes*» (Berger e Luckman, *op. cit.*) adquiridos através da escolaridade prolongada, choca com uma visão tradicional que hierarquiza os indivíduos de acordo com a sua pertença familiar. Isto gera um desacordo permanente entre a imagem de si que o indivíduo possui, e aquela que os outros membros da comunidade piscatória conhecedores da sua genealogia lhe devolvem (Goffman, 1993). Passo a passo, ouvimos alguém exclamar que «*já ninguém se lembra do tempo da fome!*». Ao evocar o passado de pobreza do outro, actualiza-se a memória do estatuto que lhe é dado pela sua genealogia e o conhecimento que se tem do seu lugar na comunidade, independentemente do estatuto actual. Este esforço permanente de lembrar aos deserdados de ontem o seu antigo lugar, é uma tentativa de manutenção de uma classificação que perdeu grande parte da sua legitimidade para servir de suporte ao exercício de uma violência simbólica.

Até ao fim dos anos setenta, a vida económica da Nazaré assentava num equilíbrio entre a pesca e o turismo. Contudo o discurso sobre a pesca na Nazaré, é desde os anos cinquenta um discurso de crise. Crise por falta de segurança e pela irregularidade dos ganhos. A causa destes dois males que marcam a vida dos pescadores da Nazaré, e a representação que fazem do seu modo de vida, como sendo de sofrimento e de miséria, se tem evidentemente causas reais que o suportam, deve ser contudo olhado à luz de um discurso produzido por uma elite local, que praticamente durante um século reivindicou para a Nazaré a construção de um porto-de-abrigo. A ausência do porto-de-abrigo impediu o desenvolvimento de uma verdadeira indústria de pesca na Nazaré. Ao contrário de outros portos como Peniche e Matosinhos, onde o investimento na pesca levou a um grande desenvolvimento, a Nazaré, a partir dos anos cinquenta iniciou uma fase de declínio, quer no número de pescadores, quer no número de barcos.

Com o desenvolvimento económico que o país conheceu a partir da entrada na Comunidade Económica Europeia, muitos filhos de pescadores passaram a ter possibilidade de fugir à vida do mar, realizando finalmente aquilo que sempre tinha sido tentado sem sucesso: o emprego em terra. Era bastante comum entre as famílias piscatórias procurar para os filhos, mal estes cumpriam a escolaridade obrigatória, um lugar numa oficina onde pudessem aprender uma arte, ou no comércio. A escolaridade alargada, o desenvolvimento económico e a política seguida pelo governo português para o sector das pescas na segunda metade da década de oitenta tornaram o desejo uma inevitabilidade.

Em Maio de 2003, o número de pescadores que viviam efectivamente da pesca numa base regular era apenas de 142; destes, apenas 28 tinham quarenta anos ou menos. A estes pescadores, que já incluem os reformados da pesca, devemos adicionar cerca de cinquenta que vão à pesca com menor regularidade.

Até aos anos oitenta, poucos eram os filhos dos pescadores que iam além do ensino primário. Quando no início dos anos setenta a escolaridade foi alargada para os seis anos, os filhos dos pescadores pouco aproveitaram desse alargamento. Nos anos oitenta, dá-se o alargamento da escolaridade para o terceiro ciclo. Os filhos dos pescadores que acabam o ciclo preparatório têm agora a possibilidade de prosseguir os seus estudos no Colégio. Mas aqui eram muitas as barreiras que encontravam. A maior parte acabava por desistir no sétimo ou no oitavo anos.

Com os anos noventa, a comunidade piscatória retira, finalmente, partido da escolaridade alargada.

Esta mudança foi possível porque tanto a comunidade piscatória como a escola se transformaram. Com as raparigas não havia tanto empenho em que elas estudassem. O importante é que se preparassem para ajudar os maridos, e soubessem governar uma casa de família. O destino habitual, logo após o ensino primário era o curso de costura dado no Paternato (Confraria da Nossa Senhora da Nazaré), ou o trabalho como aprendizes numa

modista. Por isso são poucas as filhas dos pescadores que aproveitaram o alargamento da escolaridade logo de início.

O factor determinante foi, contudo, a alteração estrutural da sociedade nazarena. Os alunos que aproveitaram efectivamente o alargamento da escolaridade para os nove anos são os filhos desta geração que cresceu com a modernização da Nazaré. Embora se considerem e sejam geralmente considerados como ligados às famílias marítimas, estes pais, já transformados pela modernização, e que adoptaram muitos dos comportamentos de classe média, transmitem aos filhos um novo *habitus* resultado de uma mestiçagem entre o tradicional e o moderno. Porém alguns professores do Colégio confessaram que ainda há discriminação contra os “miúdos da praia”. Sobretudo dos que vêm dos meios menos escolarizados – e que não são necessariamente os mais pobres - trazem para dentro da escola um comportamento que é interpretado positivamente pela família e pela comunidade como sinal de vivacidade e autonomia, mas que choca com uma cultura escolar que o rejeita como indisciplinado.

Bibliografia:

- BARTH, F. (1976) *Los Grupos Étnicos y sus Fronteras*, Mexico: Fondo de Cultura Económica.
- BASTIDE, R. (1955) «Le principe de coupure et le comportement afro-brésilien», *Anais do XXXI Congresso Internacional de Americanistas*, S. Paulo, 1954, S. Paulo: Anhembi, Vol I, pp. 493-503.
- BERGER, P.; LUCKMANN, L. (1976) *A Construção Social da Realidade*, Petrópolis: Vozes.
- BROGGER, J. (1992) *Pescadores e Pés-calçados*, Nazaré: Livraria Susy.
- CUCHE, D. (1999) *A Noção de Cultura nas Ciências Sociais*, Lisboa: Fim de Século.
- DEVEREUX, Georges (1972) «L'identité ethnique : ses bases logiques et ses dysfonctions», in ID., *Ethnopsychanalyse complémentariste*, Paris : Flammarion, pp. 131 – 168.
- DUBAR, C. (1997) *A Socialização – Construção das Identidades Sociais e Profissionais*, Porto Editora
- GOFFMAN, Erving (1993) *A Apresentação do Eu na Vida de Todos os Dias*, Lisboa: Relógio D' Água.
- LOURENÇO, Eduardo (1978) *O Labirinto da Saudade – psicanálise mítica do destino português*, Lisboa: Dom Quixote.
- LOURENÇO, Eduardo (1999) *A Nau de Ícaro seguido de Imagem e Miragem da Lusofonia*, Lisboa: Gradiva.
- LOURENÇO, Eduardo (1999) *Portugal como Destino seguido de Mitologia da Saudade*, Lisboa: Gradiva.
- MALPIQUE, Celeste (1990) *A Ausência do Pai*, Porto: Ed. Afrontamento.
- SERRES, Michel (1993) *O Terceiro Instruído*, Lisboa: Instituto Piaget.